

A Evolução do Ser na Sua Busca pela Experiência do Amor

Introdução

A palavra, idéia, conceito e diversos sentimentos vagos tem sido utilizados de forma mais ou menos ampla ao longo da história da humanidade no sentido de manipular as pessoas dentro das suas carências e sofrimentos. Sonhos e ideais.

Talvez este “amor” represente o fator isolado que causou a maior quantidade de sofrimentos, mortes, assassinatos, crueldades em geral, e patrocinou extermínios, massacres, dramas pessoais e ou familiares e representa ainda a fonte inesgotável de tramas e idéias que visam um entretenimento morno e novelesco nos finais de tarde ou na escuridão das telas de cinemas, teatros, nos meios de divulgação os mais variados.

Finalmente, como culto, controle social e manipulando a esperança daqueles que sofrem, ele pode ser encontrado dentro das mais variadas formas de expressão religiosa, raramente encontrando eco em uma experiência real daquele amor tão divulgado, tão procurado, mas raramente encontrado.

Temos assim a exploração sentimentalóide de pessoas e massas de pessoas, ao longo de toda a nossa história, embora nunca no nível de cinismo e falta de vergonha que identificamos nos dias atuais.

O Problema

Simplesmente não sabemos o que é o Amor, onde buscar por ele e, principalmente, como fazê-lo surgir e crescer dentro de nós.

Aceitamos o Amor como algo pré-existente em nossas vidas, sempre pronto para ser colocado em prática quando a oportunidade e o momento forem apropriados e as condições o permitirem.

Equacionamos tudo com o Amor: natureza, o belo, o sexo, o carro, os filhos, os pais, existem mandamentos que o exigem (“Amarás ao Teu Senhor com Todas as Suas Forças” , por exemplo, embora esta ordem pode ser identificada em qualquer religião viva ou morta), amor pela pátria, pelos valores, pela cultura, pela arte, pelo ‘próximo’. Entretanto não sabemos nada sobre o Amor ou como amar. Ele nos atinge e nos carrega, ele nos domina e, na maioria das vezes, depois do momento sublime em que estamos experimentando este Amor tão desejado, surge algo que faz com que imediatamente ou depois de algum tempo, curto ou longo, ele simplesmente desaparece e ficamos sedentos de uma nova experiência dele, sem entretanto saber como alcançá-lo. Assim, somos vítimas de amor, tomados de assalto, amorosamente sangrando nossas saudades e memórias até que este (esperamos) retorne para um novo assalto e nos conduza novamente para aqueles domínios que superam qualquer descrição, para realidades que se descortinam de entremeio a esta dura e acinzentada realidade do dia a dia, onde roboticamente ficamos desempenhando as nossas funções rotineiras, na esperança de que venhamos novamente a viver o Amor.

Esta é a nossa situação: não podemos nem descrever nem controlar o Amor, entretanto, o conhecemos... Um paradoxo sobre o qual incontáveis filósofos, neurologistas e místicas se debruçaram ao longo dos séculos, mas apenas os amantes é que realmente vieram a conhecer sua natureza mais profunda e essencial.

Buscamos algo que não sabemos o que é, mas que intuímos sua existência, pois ela nos é suficientemente forte para se afirmar como uma experiência transformadora, transcendente, que nos eleva e nos coloca dentro de um estado e dignidade que não pode ser superada por qualquer outro atributo do mundo terreno: dinheiro, posses, poder,

honras, hierarquias, conhecimentos, etc., tudo isso é literalmente jogado fora quando a experiência do Amor se apresenta e nos conduz para aqueles cenários e estados que somente ele pode descortinar para nós.

Ainda assim, teimosamente buscamos conhecer e dominar o amor. Ele sempre escapa à descrição, como uma partícula subatômica dentro de uma câmara de vapor, somos apenas capazes de detectar os traços da sua passagem: saudade, nostalgia, memórias, sensações, etc. E seguimos adiante, em busca de uma nova oportunidade amorosa.

Mas temos esperanças... A Filosofia Perene nos ensina que, ao longo da história, vários místicos, desconhecidos e com certeza, um contingente de pessoas de que sequer tivemos notícia foi capaz de enveredar pela busca pelo Amor e dos seus comemorativos e, com isso, alcançar estados que somente podem ser descritos como formas extremamente sutis e universais do amor. Um São Francisco de Assis, uma Madre Tereza d'Avila, um Rumi, um Ibn'Arabi, para ficarmos no ambiente mais próximo de nós escreveram e demonstraram cabalmente que essa dimensão do Amor, que supera a nossa mediocridade e carência pode ser alcançada, mas porém com um custo: temos de deixar de lado nossos pequenos amores, aqueles que nos sustentam no dia a dia e que nos aprisionam dentro de uma estreita e escura gaiola de frustrações e temores onde passamos a maior parte do nosso tempo.

Como fazer isso?

Algumas definições que podem nos ser úteis

Para podermos tentar nos aproximar daquilo que uma Escola de Sabedoria propõe como um processo de aproximação ao Amor, poderíamos examinar algumas posições básicas e ver como elas poderiam nos ajudar nessa digressão:

1. Gurdjieff e o Trabalho de Quarto Caminho:

Gurdjieff afirma diversas vezes ao longo dos seus escritos, assim como é quase um dogma dentro do 'Trabalho', que o 'homem não pode fazer nada, não pode gerar nenhum sentimento, nenhum pensamento enquanto estiver vivendo dentro da dimensão mecânica do seu ser'. Ele teria de desenvolver essa capacidade de gerar seus próprios atos, emoções e pensamentos antes que pudesse tornar-se capaz de realmente vir a conhecer a dimensão do amor.

Na medida que Gurdjieff define um ser humano gerado a partir dos estímulos externos que lhe chegaram a partir do meio exterior e aos quais ele aprendeu a responder de forma reflexa, seja por imitação dos seus pares e educadores, seja por condicionamento, o amor aqui não passaria de mera imitação barata do produto genuíno, que aceitamos porque não conhecemos nem temos acesso ao produto verdadeiro.

Embora em tese isso possa ser considerado como bastante descritivo da nossa realidade atual, ainda assim Gurdjieff não indica com clareza o que poderia ser feito no sentido de, dentro do ambiente das escolas de Quarto Caminho, poderia conduzir a essa experiência tão desejada quanto fugidia. Muitos praticantes e aderentes sinceros deste Sistema de Idéias queixam-se justamente desse tipo de aridez e falta de perspectiva, onde um esforço longo e direcionado é solicitado.... mas para alcançar o quê? Gurdjieff e seus discípulos acenam com a possibilidade de desenvolvimento de Centros Superiores e Corpos, dentre os quais um Centro Emocional Superior que supostamente poderia patrocinar essa experiência.

Entretanto, tudo acaba desabando numa série de experiências, esforços, tempo utilizado que simplesmente indicam que o sono do ser humano pode ser trabalhado de forma mais ou menos eficiente, mas que este ainda permanece um estado de sono: dormimos mais, como máquinas e podemos dormir menos, como praticantes do Trabalho. Poderemos assumir o objetivo de nos tornarmos plenamente despertos e presentes, alcançar uma consciência objetiva, etc. Mas para onde esse desenvolvimento iria nos conduzir? A classificação que Gurdjieff nos dá de Homens números 1, 2, 3, ...em diante fica tão abstrata e pouco definida que não conseguimos entender as dimensões e proposta sobre as quais ela poderia estar baseada.

Assim, fica claro que, embora Gurdjieff tivesse apresentado um fato concreto da nossa impossibilidade de vir a conhecer o Amor, ainda assim, naquilo que conhecemos da literatura por ele escrita e a de seus associados, não existem indicações de como tal dificuldade poderia ser superada. Talvez nos recessos da própria Fundação Gurdjieff possa existir uma resposta á qual não temos acesso.

2. O Amor Existe Dentro de Cada um de Nós

Esta frase representa o aspecto mais facilmente encontrado na nossa realidade. Ele parte do pressuposto que cada ser humano sabe intrinsecamente o que é o Amor, é capaz de expressá-lo e então, no fundo, não haveria nenhum problema.

O problema aqui jaz na maneira que consideramos a forma puramente descritiva e coloquial com que consideramos este ‘Amor’ tão disponível.

Se considerarmos a frase:

‘A maçã é uma fruta’

Esta frase é um constructo lingüístico que define uma relação entre um objeto (a maçã) e um conceito (fruta), ligados por um verbo (é).

Se observarmos melhor esta frase iremos ver que ela somente pode ser considerada como correta se a pessoa que a emite ou aquela que a ouve já teve (ou tiveram, ambas) a experiência de ter entrado em contato com uma maçã, tê-la comido, saboreado, comparado com outras experiências semelhantes, etc.). Qualquer outra combina’\ao possível, por exemplo, o afirmante nunca ter entrado em contato com a maçã, ou aquele que ouve a frase, ou pior ainda, ambos, tornam essa frase num mero artefato de comunicação, sem qualquer conteúdo válido.

Assim, podemos dizer que aquilo que torna verdadeira a frase acima, é a extensão em que maçãs foram experienciadas ao longo da vida dos dois interlocutores.

Assim a frase:

‘João ama Maria’

Igualmente não tem significado real para nós, porque ela no máximo nos diz que, com respeito à Maria, João apresenta uma série de reações físicas, emocionais e intelectuais que ele aprendeu como sendo o ‘amor’ e que Maria, igualmente corresponde com algum tipo de resposta semelhantemente aprendida. Ainda assim, nada nos garante que isto é ‘amor’. Pior ainda, o amor aqui é utilizado como um verbo, ou seja, é algo que está sendo praticado, ou está acontecendo como uma forma acidental para este feliz casal.

Aqui o problema se complica ainda mais, porque o que a frase está indicando é que aquilo que sequer é conhecido, é praticado ou se estabelece entre dois seres. Poderia ser qualquer coisa, um jogo, uma sedução, um negócio, um acordo, uma aventura, etc.,

infinitas possibilidades podem estar presentes nessa situação. Portanto, o fato de que o amor pode ser um verbo, somente nos complica na nossa busca pela sua realidade mais pura.

A frase seguinte reflete a mesma situação piorada ao seu extremo?

‘Deus é Amor.’

Se os mesmos comentários podem ser aplicados para a frase acima, que se tornou um lugar comum em nossa sociedade de manipulação de valores religiosos, temos de um lado, um ‘Deus’ que é totalmente incompreensível e incognoscível em termos da realidade humana, mesmo que levemos em consideração conceitos tais como ‘crer’, ‘acreditar’, ‘submeter-se’, etc., que aqui funcionam mais como agentes complicadores uma vez que eles acrescentam a sua própria ambigüidade à frase acima e, ao mesmo tempo, conferem uma certeza pessoal e psicológica que no mínimo é singela, pois nunca poderia ser testada ou questionada, embora nos momentos de dificuldade ela costuma se demonstrar bastante frágil ou totalmente desconhecida.

O que está acontecendo com tudo isso que foi colocado de forma mais ou menos rápida acima, é que estamos tentando analisar um problema extremamente complexo com instrumentos simples, o que fatalmente nos iria conduzir a respostas no mínimo erradas ou contraditórias, como podemos ver nos conflitos humanos.

O problema se situa dentro da ótica onde ele é considerado. A dimensão humana, seus conflitos e grandezas, sua história, sua trajetória, ideais, propostas e momento atual podem ser considerados, a grosso modo como sendo o resultado por uma busca histórica e perene pelo Amor, sendo que este amor estaria baseado nas concepções e perspectivas humanas, que no mínimo estão equivocadas, como vimos alguns exemplos acima. Ainda assim, os buscadores, os poetas, os místicos e os amantes, enquanto mergulhados nessa dimensão amorosa nos dizem sempre que : ‘Sim, o Amor existe, e vale a pena buscá-lo!’, ou algo semelhante, que se expressa na arte, na literatura e em todos os momentos da vida do ser humano.

Mais intuído que reconhecido, mais vivido nas suas possíveis dimensões, por momentos lastimavelmente curtos e fugidios, frágil e facilmente transformado em outras formas de expressão emocional e ou comportamental, ainda assim o Amor é uma das molas mestres das nossas vidas e objetivos, seja reconhecido ou implícito, seja correspondido ou não, vivemos debaixo da realidade que o terrível provérbio expressa de forma tão clara?

‘É melhor ter amado por um segundo sequer do que nunca ter amado’.

E assim, nas nossas buscas por aquilo que não conhecemos, que sequer seríamos capazes de reconhecer, caso encontrássemos, nós, seres humanos tecemos nossas vidas ao redor de um vislumbre de algo que sabemos que é o elemento mais importante das nossas vidas, mesmo quando tentamos sufocar essa experiência debaixo de uma montanha de elementos da nossa realidade ordinária.

Essa é a nossa experiência nuclear, que determina e define as nossas buscas e objetivos mais íntimos e pessoais, a busca por um estado que nos mostre de forma cabal e por inteiro que existe algo que percebemos e sentimos que é o Amor, e que buscamos por ele, seja de forma direta, dentro de nós mesmos, ou nos outros, seja de forma indireta, através de instrumentos e mecanismos que nos proporcionam prazer, poder, preponderância, valorização pessoal, a busca pela fama e reconhecimento, a famosa fórmula ‘sexo, droga e rock’and roll’ tudo isso mostra a nossa sede e necessidade por

Amor. E, pela importância que tem, ela também define as buscas, anseios e modelos da realidade que nos cerca, dos modelos sociais e formas de relacionamentos entre as pessoas.

3. O Amor existe como algo independente em si mesmo

Em uma frase lapidar, o grande místico Sufi, Muhynudin Ibn'Arabi, nos diz que:

‘Deus é o Amante, o Amado e o Amor.’

Essa frase nos coloca defronte dos mesmos problemas que foram considerados acima. Não podemos saber quem é realmente Deus, o que é o Amor, e o que é o Amado, mas temos a possibilidade de vir a conhecer o Amante, nós mesmos.

Dentro de uma perspectiva unitária, nós, Amantes, temos uma existência palpável dentro da equação, o que nos permite ir percebendo, aos poucos, os outros elementos que dela fazem parte. Um objetivo arrogante, presunçoso e até temerário, mas a partir dessa perspectiva, possível de ser alcançado... Nesse contexto, podemos ter alguma esperança de vir a obter sucesso, seja total ou parcial, pois existem abundantes exemplos dentro da história da humanidade de indivíduos que claramente demonstraram terem alcançado este objetivo. A própria comemoração que o Instituto Nokhooja patrocina há décadas fala de um deles, Mevlana Djalalludin Rumi.

Agora, o problema da busca da experiência do Amor muda de perspectiva. Qual é a natureza desse Amante, que pode ser conhecida? Quais as suas características, que atributos possui, o que este Amante poderia fazer para tornar-se digno de entrar em contato com o Amado e, por conseqüência, com o Amor e com o próprio Deus?

Notemos que a frase citada acima contém dentro dela a anterior, ‘Deus é Amor’, sendo que na última são omitidos os elementos cruciais? Amante e Amado. É devido a isso que ficamos como que suspensos dentro de uma espera de desejos, anseios, intuições, sentimentos e necessidades que nos indicam que existe algo que percebemos como sendo o Amor, mas ele nos escapa, pois colocado numa esfera de totalmente inacessível, que é a da Divindade Absoluta. Nesse contexto, Gurdjieff tem toda a razão, nada podemos fazer de concreto.

Desta maneira, em termos práticos, o Amor somente pode ser experimentado em termos do Amante. Este, por sua vez, deve vir a se conhecer e a se tornar digno do Amor. Simples, não? Nada mais enganoso.

Se o conhecimento do Amor, Amado, Deus se situam totalmente fora da nossa realidade atual, o mesmo pode ser dito, em termos mais relativos com respeito ao Amante.

Somos Amantes, ou pelo menos, Amorosos?

Não sabemos, achamos que sim em alguns momentos isto é aparente e evidente, em outros momentos, ficamos em dúvida e questionamos a nossa própria capacidade de vivenciar e expressar este sentimento. Na realidade isso apenas nos mostra o quanto as circunstâncias que nos cercam definem respostas que chamamos de Amor e que estão condicionadas à maior ou menos intensidade e permanência com que elas nos alcançam. Isto nunca poderia vir a representar um real Amor, porque este é perene e imutável, como nos ensinam aqueles que o viveram.

Na maioria dos casos, como já foi dito acima, consideramos como Amor a um conjunto de elementos e reações que nos foram ensinadas ao longo de nossa vida como sendo o Amor; entretanto, à medida que estas reações se demonstram frágeis por serem

limitadas e, portanto, ilusórias, começamos a buscar por algo maior, algo que satisfaça o nosso anseio por uma real experiência amorosa.

Assim, para que possamos resolver este problema e buscarmos propostas práticas, temos de considerar a dimensão do Amante antes de tudo.

As Escolas de Sabedoria consideram o Ser Humano dentro da sua dimensão de Ser. Um Ser Humano poderá atuar como um verdadeiro animal, na defesa do seu território, dos seus entes queridos, por exemplo. Dentro dessa dimensão ele não é Ser humano, mas sim um animal exercitando as suas capacidades e atributos numa realidade animal. Quando ele luta pela vida, por exemplo, no caso de uma doença, ou responde de forma instintiva a uma ameaça contra a sua vida, ele funciona mais como uma planta, lutando contra tudo e contra todos para preservar a sua vitalidade, e assim por diante.

Assim, a dimensão do ser humano não passa pela definição de humano, mas sim pela definição do Ser, uma vez que, devido às circunstâncias podemos ser outras coisas que o humano.

Dentro da visão das Escolas de Sabedoria, o Ser representa o verdadeiro trabalho que deverá ser feito no sentido de promover o crescimento do Ser, indo das dimensões mais simples, mineral, vegetal, animal, humana, e buscar o desenvolvimento de capacidades e habilidades que definam um Ser que se localiza acima da dimensão humana, que aqui é vista não como um ponto final evolucionário, mas como etapa intermediária de um processo muito mais longo e mais grandioso.

Sim, em termos de evolução do Ser, podemos dizer que estamos apenas dando os primeiros passos de uma oportunidade que se projeta em direção a potencialidades espantosas.

Para podermos promover o crescimento do Ser, e levá-lo á dimensão do Amante, temos de considerar como é que este crescimento é visto dentro de um contexto de modelos, teorias e práticas que visam dar consistência á proposta deste desenvolvimento.

Vamos analisar a frase abaixo:

‘O Ser pode ser considerado como a somatória dos atributos que se expressam dentro de uma dimensão consciente’.

Esta é uma frase muito perigosa de ser enunciada, pois existe uma quantidade bastante grande de linhas de pesquisa, teorias psicológicas, propostas desenvolvimentistas, propostas teóricas e práticas, modelos religiosos dogmático-morais, propostas políticas e econômicas, entre outras disciplinas, que tomam essa frase como base de trabalho. Cada uma procurando se impor como verdade sobre as demais, gerando um verdadeiro caos que nos rodeia.

Aqui o problema si situa na definição de ‘atributos’ e aquele que os expressa. Normalmente, quando o atributo do ser e da expressão amorosa se situa externamente á dimensão de desenvolvimento pessoal,ou seja, qualquer proposta que busca fazer com que as pessoas meramente imitem determinadas fórmulas pré-estabelecidas como modelos a serem vividos acabam conduzindo a uma deformação do processo de desenvolvimento do ser e a funcionarem como uma caricatura daquilo que realmente representa a busca concreta do desenvolvimento do ser e da experiência amorosa.

A maioria das religiões, linhas esotéricas, e outros, costumam oferecer este tipo de proposta, sem as devidas ressalvas, pois o que se busca, no exemplo que nos vêm do passado é a possibilidade de que tal experiência nos seja possível e nos demonstra um exemplo em que ela foi alcançada, mas não nos garante que ela poderá ser adquirida meramente pela repetição do processo na nossa atualidade.

Desta forma, podemos dizer que os modelos de busca de crescimento do ser e da experiência amorosa, mesmo aqueles que nos são mais atraentes, devem sempre ser vistos dentro da perspectiva de que imitar um Cristo, Buda ou Rumi, por exemplo, não nos dará as experiências que lhes são atribuídas, mas sim, nos mostra que existe a possibilidade de chegarmos á essas experiências aproveitando as lições que eles nos oferecem: humildade, devoção, sinceridade, intensidade, confiança, e outros atributos que somos capazes de compreender, pois fazem parte da nossa realidade e que podem ser desenvolvidos, amplificados e nos conduzir para a dimensão em que podemos nos tornar dignos deste tipo de desenvolvimento do ser sem que, com isso, tenhamos de nos fanatizar ou ficarmos presos a quaisquer tipos de doutrinas ou dogmas.

Tudo deve acontecer dentro da esfera da transformação concreta e objetiva, ela deve ficar clara para aquele que a está vivendo ponto a ponto, sem quaisquer dúvidas. Assim, nos preparamos, dentro daquilo que somos capazes de realizar, para o processo de desenvolvimento das nossas potencialidades.

A segunda possibilidade de aquisição e expressão de atributos depende fundamentalmente da primeira, ou seja, deve haver no indivíduo interessado a necessidade de buscar o seu crescimento e as possibilidades da experiência amorosa, de forma honesta, intensa e tenaz, mas isto tudo como uma necessidade que tem suas raízes no seu próprio ser, e não como forma de condicionamento ou endoutrinação que comumente encontramos. Mas, isoladamente, isso manteria o interessado apenas num estado de preparo, de antecipação. Ele deverá entrar em contato com uma Escola de Sabedoria que possa ensiná-lo e conduzi-lo dentro dos meandros e dificuldades da sua personalidade e psicologia pessoal, em direção á aquisição de atributos que possam permitir esse desenvolvimento desejado de forma correta e harmoniosa.

Entretanto, o que observamos na maioria das vezes, é uma confusão entre continente (os elementos externos que são definidos aprioristicamente) e o conteúdo (aquilo que deve necessariamente ser adquirido e desenvolvido pelos interessados), geralmente apoiada numa formulação de fé, crença, participação grupal, ações sociais, políticas, etc., que retiram o foco do indivíduo e o colocam em elementos externos.

Para podermos escapar desta confusão e nos manter coerentes dentro da nossa própria proposta, iremos oferecer a nossa própria tentativa de verdade, esta situada dentro do ambiente das Escolas de Sabedoria.

O Amor e a Transformação do Ser

Podemos dizer que, a grosso modo, para cada dimensão do nosso ser corresponde a uma forma de amor. Nas formas menos desenvolvidas do nosso ser, nos estados que poderiam ser chamados de adormecimento ou de sono, o Amor corresponde a uma forma igualmente primitiva de resposta condicionada, aprendida a partir dos elementos vivenciados e copiados do ambiente ao nosso redor. Á medida que o ser vai evoluindo e aumentando a sua capacidade de se relacionar e compreender o mundo ao seu redor e, principalmente, começa a se desembaraçar da tirania dos órgãos dos sentidos e das representações simplificadas da realidade, ele vai descobrindo novas formas de experimentar este fenômeno amoroso, que na maioria das vezes poderão parecer totalmente incompreensíveis para uma pessoa que não esteja vivenciando o processo. Nas formas ainda mais evoluídas do ser, iremos perceber que o Amor passa a representar o núcleo ao redor do qual o ser passa a se consolidar e busca evoluir. A linguagem e a comunicação aqui se tornam ou impossíveis ou carregadas de um caráter simbólico, pois no seu conjunto, as experiências superam em muito qualquer capacidade de definição, quanto mais de discussão.

Assim, podemos dizer que não poderá haver uma experiência de um Amor Real, se não houver um Ser Real, capaz de tê-la e experimentá-la. Essa é a fase de preparado do Amante, para que ele possa se aproximar gradativamente das diferentes formas de expressão do Amante.

Apenas uma Escola de Sabedoria dispõe do conhecimento e da capacidade prática, assim como das competências necessárias para realizar uma transformação do Ser, uma vez que isto envolve a totalidade do indivíduo e não apenas um aspecto particular dos fatores que o compõem.

A transformação do ser e a sua preparação para um possível crescimento onde a dimensão do Amor poderá ser contemplada é uma das tarefas mais importantes e mais difíceis de serem feitas, visto que a maioria dos seres humanos tem de ser educados e conduzidos de forma paulatina e saudável dentro deste campo, pois o que se deseja é uma integração harmoniosa de todo o indivíduo, no seu dia a dia e relações familiares, profissionais e sociais, com as outras dimensões que poderão ser experienciadas, de forma produtiva e não conflituosa.

A escola de sabedoria não tem interesse em criar cultos, seitas, religiões, qualquer coisa que envolva alguma forma de separação, rejeição ou abandono daquilo que corresponde às responsabilidades e deveres assumidos, muito pelo contrário, ela luta continuamente para oferecer os meios e instrumentos pelos quais os interessados possam se libertar de quaisquer tipos de vices e/ou processos que possam estar dentro dessa dimensão aprisionadora do ser.

Pelo contrário, ela estimula um cuidado extremo no desencargo de todas essas responsabilidades e deveres, pois isto irá representar um primeiro diagnóstico do real desejo do interessado em vir a se aperfeiçoar e tornar-se capaz de tirar proveito das futuras experiências que poderá vir a ter.

Uma das regras básicas de uma escola de sabedoria genuína é dizer aos interessados e fazê-los compreender que, se eles desejam ter acesso a uma nova realidade, eles devem provar para si próprios que são competentes na realidade na qual já estão vivendo. Qualquer outra proposta de participação em algum processo de desenvolvimento do Ser e da busca da experiência amorosa que vise a busca de soluções de problemas do dia a dia, seja em termos de melhora do desempenho pessoal, profissional, soluções mágicas de situações do dia a dia, a busca de um 'amor' que reflete mais a incapacidade de entrar em contato com a dimensão do outro, e uma infinidade de outros agentes motivadores que não os da busca de um real crescimento, são vistos como diagnósticos de algum tipo de incapacidade ou defeito que devem ser sanados antes de qualquer participação em um ambiente mais sutil.

Dentro do contexto da Escola de Sabedoria teremos de identificar alguns modelos teóricos, com a ressalva que eles são de caráter fundamentalmente prático: eles não são teorias a serem verificadas, mas sim teorias que foram confirmadas ao longo de uma prática muito longa, expostos a uma crítica e correções no sentido de que comprovadamente podem ser úteis para promover aquilo a que se remetem.

Assim, a Escola de Sabedoria, na perspectiva em que ela considera a realidade atual do ser humano, o situa dentro de três grandes eixos:

X - O eixo do desenvolvimento físico, que vai desde a origem embriológica do indivíduo e se alonga para a frente em direção a um futuro possível não-biológico, onde os estados e experiências ligadas à consciência do indivíduo teriam uma materialidade senão igual, talvez maiores, que a materialidade física atual, conduzindo para uma dimensão superior, igualmente, podemos reconhecer um alongamento para trás, que nos conduz à própria memória da origem do Universo. Desta maneira, este eixo nos situa

dentro de um contínuo de experiências que já passamos, embora não necessariamente sob a forma humana, embora sejamos capazes de perceber intuitivamente a memória delas, nos localiza num momento atual, em que podemos definir ações e tomar decisões, e nos aponta para um possível futuro, se pudermos aproveitar as oportunidades e tivermos as condições para fazê-lo. Dentro dessa perspectiva, o 'físico' que se busca definir não representa a visão rotineira que temos do mundo material, mas sim, o mundo da matéria como sendo o envoltório temporário de uma consciência que está em processo de evolução.

Talvez o que seja mais importante de ser compreendido com respeito ao eixo X, é que dentro do ambiente de uma escola de sabedoria, não é dada uma ênfase na descrição ou análise do mundo material, tal como o concebemos, mas sim, como é que o indivíduo em busca do desenvolvimento do seu ser estabelece suas relações e prioridades com este.

Desta maneira, podemos dizer que, guardadas as devidas proporções, o que nos interessa em termos do eixo X é o estudo, correção e desenvolvimento de uma representação cada vez maior e mais complexa dessa realidade, juntamente com os seus atributos, comportamentos e possibilidades de crescimento, o que nos coloca dentro de um processo centrado na psicologia do interessado. Assim, essa nova psicologia não leva em conta apenas os aspectos da mente ou da psique, mas da realidade que cerca o indivíduo de forma global.

Y – O eixo do desenvolvimento da sensibilidade, ou seja, o estabelecimento de uma comunicação e uma resposta àquilo que nos rodeia. Da mesma maneira que com o eixo físico, podemos dizer que essa sensibilidade nos alcança vinda do nosso passado, na forma de reações químicas primitivas frente ao calor, choque, interações com outras substâncias, que nos seres vivos são desenvolvidas a formas de irritabilidade celular, respostas acomodativas e adaptativas ao meio ambiente, o que nos coloca dentro de uma dimensão fundamentalmente individual para, finalmente evoluindo para respostas mais complexas e comportamentos, dos quais as nossas emoções fazem parte, e, na nossa localização atual, a um complexo de afetos, estados reacionais, comportamentos emocionais e estéticos, que nos aponta para a possibilidade de uma experiência maior e mais sutil, quando a dimensão puramente individual e narcisista é superada e o outro é reconhecido como fundamental nesse processo de desenvolvimento afetivo e amoroso.

A este processo, dentro das Escolas de Sabedoria, é dado o nome de Caminho dos Amantes.

Igualmente, este eixo Y nos aponta uma direção a ser seguida, que é a do caminho da União, onde o pessoal e o externo agora se unem numa experiência em que o Amor se torna seu ponto comum e sua verdade. Nessa dimensão, não mais existem distinções ou limites, tudo é visto dentro da perspectiva do Amado.

Z – O eixo do desenvolvimento do conhecimento e da compreensão representa o elemento final do processo de desenvolvimento do Ser. Este eixo também reflete aquilo que veio antes de nós, nos situa no momento atual e nos aponta uma possibilidade de crescimento.

Com respeito á possibilidade de um conhecimento anterior á nossa existência como seres humanos, podemos reconhecer a existência de ciclos e mecanismos regulatórios na natureza, a existência da capacidade de registrar certos padrões básicos de comportamento molecular, a existência de uma 'memória' em certas ligas de metais que, depois de deformados, tendem a voltar á sua forma original, com os seres vivos, a existência de um comportamento adaptativo ligado á bio-sobrevivência, á identificação

de perigos, inimigos, de um companheiro para a reprodução, o surgimento de um sistema nervoso capaz de captar e lidar com as informações obtidas pelos órgãos dos sentidos de forma inteligente, assim como a capacidade de criar tecnologias, modelos, filosofias, e uma vasta gama de conhecimentos e informações que nos cercam. Esse é o nosso estado atual, a nossa visão de mundo, com todos os problemas, dificuldades e potencialidades implícitas. Somos capazes de descrever e lidar com a realidade material e intelectual de uma forma nunca vista antes na história da Humanidade, ainda assim, os problemas básicos de relacionamento, de superação de preconceitos, de violência, de arrogância, ganância, entre outros, nos indicam que o nosso futuro desenvolvimento terá de seguir por este caminho, sob o risco da nossa própria extinção, seja como indivíduos, seja como espécie.

Deve aqui ser ressaltado que raramente encontramos na nossa realidade uma proposta que vise o desenvolvimento harmônico ao longo desses três eixos ao mesmo tempo, o que acontece são desenvolvimentos mais acentuados dentro do eixo X (personalidade, visão filosófica do mundo, comportamentos melhores ou piores adaptados para lidarem com as dificuldades do mundo, etc.), em alguns indivíduos em que o desenvolvimento maior ocorre ao longo do eixo Y, temos os grandes artistas, músicos, alguns místicos, que, embora tenham expressado atributos de ordem superior, ainda assim, ao longo da sua história pessoal mostraram vieses e problemas para lidarem com as dificuldades que se situariam nos outros dois eixos (por exemplo, Mozart, com os seus problemas de ego, bebida, finanças e mulheres, idem com Van Gogh e outros.). O mesmo pode ser dito de indivíduos cujo maior desenvolvimento ocorreu ao longo do eixo Z, em que temos pessoas reconhecidamente geniais dentro da dimensão intelectual e, ainda assim, incapazes de lidarem com os detalhes da vida ordinária).

As Fases do Desenvolvimento do Ser e o Seu Amor

No processo de crescimento do indivíduo, podemos identificar três grandes fases:

1. Fase pré-pessoal, onde o indivíduo começa a aprender valores, comportamentos, modos de representar a realidade a partir da imitação das pessoas que o cercam, principalmente seus pais e parentes imediatos, posteriormente este processo será ampliado pela escola, sociabilização, contato com os valores culturais e sociais, etc. Nesta fase o processo de formação da personalidade e do ego ainda está sendo definido e não existe um direcionamento preciso e bem definido. Ela geralmente compreende a fase infantil até a adolescência.

2. Fase Pessoal: quando os primórdios de uma personalidade são estabelecidos e representa uma fase de dissociação do modelo passivo anterior e a busca de uma forma pessoal de experimentar as coisas. É a fase dos conflitos e dos gestos extremados, a definição do comportamento contestador ou acomodativo, do surgimento do prazer sexual e da busca hedônica. É a fase da auto-afirmação e da busca dos valores individuais.

3. Fase Pós-Pessoal: quando os valores da personalidade deixam de ser imperativos e surge uma necessidade de explorar as dimensões mais sutis do ser. Tal fase tende a se prolongar por toda a vida adulta, e poderá ou não ser concretizada, pois certas circunstâncias tais como as responsabilidades pessoais e as oportunidades para este possível desenvolvimento são fatores limitantes aqui.

Podemos considerar que, dentro da conceituação do Quarto Caminho, as três fases acima descritas de forma extremamente sucinta, são fases em que ‘eus’ são construídos, mantidos ou desmontados.

O Quarto Caminho define como sendo ‘eu’ um tipo de condicionamento, geralmente oriundo por imitação ou aprendizado mecânico, de algum tipo de resposta, seja motora, emocional ou intelectual, que produz um comportamento que se repete sempre que o estímulo (ou estímulos parecidos) se reapresenta ao longo da vida do indivíduo.

Este comportamento define um ‘eu’ que pode simplesmente ser deixado de lado ao longo do crescimento do indivíduo, ou será reforçado, caso os estímulos desencadeantes estejam presentes com frequência na vida dele. Ao longo do tempo, vamos desenvolvendo uma série de ‘eus’, seja na fase pré-pessoal, pessoal ou pós-pessoal. Estes inúmeros ‘eus’ são os responsáveis pela nossa sobrevivência num mundo em que os valores mudam de circunstância a circunstância, ambiente a ambiente, composição de participantes a composição de participantes e, com o tempo, tende a se manter como uma realidade da nossa vida. Estes ‘eus’ tendem a se manter mais ou menos agrupados, dando origem a constelações de ‘eus’ que expressam comportamentos mais complexos e adaptáveis e, finalmente, um conjunto de ‘eus’ cujos valores tendem a influenciar e controlar a expressão dos outros ‘eus’, o nosso ‘ego’.

Assim, ao longo do tempo, vamos criando uma espécie de nuvem de ‘eus’ que surgem a partir das experiências e condicionamentos da fase pré-pessoal e que, com o desenvolvimento e sucessão de aprendizados, é recoberta por uma outra nuvem, composta pelos eus da fase pessoal e, finalmente, no indivíduo mais maduro, este conjunto passaria a ser envolvido por uma outra nuvem de eus de ordem pós-pessoal, nuvem essa que está sempre em expansão, com a criação de novos ‘eus’, sempre que isto se tornar possível ou necessário. Desta maneira podemos dizer que ‘não existe nenhuma pessoa honesta que não possa aprender a ser um ladrão, como vice e versa...’.

Cada conjunto ou ‘nuvem’ de eus apresenta uma coloratura afetiva que podemos definir como ‘amor’. Ao mesmo tempo, cada ‘nuvem’ define um determinado estado de Ser.

No nível da camada de eus pré-pessoal, identificamos um amor que está ligado ao apego com pai e mãe, com figuras de autoridade e que oferecem carinho e proteção. Este ‘amor’ tem um desencadeante duplo: (1) genético, na medida em que cheiros, a satisfação de necessidades, o carinho e o contato físico definem momentos de *imprints* entre a criança e aqueles que estão em contato mais íntimo com ela, (2) psicológico, na medida em que diversos eus são copiados e imitados e com isso reforçam as relações e os contatos que já existem e definem os futuros contatos e as experiências que irão resultar deles, aqui também podemos reconhecer a dualidade dor versus prazer como participante desse processo de desenvolvimento. Portanto esse ‘amor’ está ligado à própria garantia de sobrevivência, de segurança e de afeto. É um amor vital, pois é favorável à manutenção e desenvolvimento da própria vida. É deste nível de amor que reconhecemos o carinho com as plantas, animais, bebês, pessoas que sofrem, resposta às catástrofes, etc.

Na fase pessoal, a forma de expressão afetiva individual está centralizada nos valores pessoais e no reforço do ego. A busca pela aventura, sexualidade, pelo novo, pela liberdade e contestação, reflete primariamente um processo de busca pela libertação do domínio do outro e a busca por um lugar próprio dentro dessa dimensão nova que o outro representa como forma de experimentação e descoberta. O amor aqui é ligado a elementos de prazer orgânico, sexual, físico, mas também será um amor por novas experiências, pelo exótico, estranho, violento, até mesmo por novas idéias e

ideais. É um amor de eus que agora estão em processo de formação da própria identidade, portanto ele é egoísta e, com frequência, intenso, injusto, incompreensível para as pessoas que se encontram ao redor do indivíduo e poderá até mesmo ser cruel.

Na fase pós-pessoal, podemos identificar a expressão tanto dos eus pré-pessoais como da fase pessoal, respectivamente com as suas expressões afetivas e/ou amorosas. A definição de um papel social, formação profissional e familiar poderão simplesmente situar o indivíduo exatamente no outro lado da mesma moeda pré ou pessoal.

Entretanto, o desenvolvimento do ser não cessa nesta fase, o impulso para o crescimento e desenvolvimento ainda permanece e, com o tempo, o indivíduo começa a questionar o valor definitivo que ele havia conferido inicialmente para esta fase de desenvolvimento e a intuir (normalmente a palavra mais utilizada aqui é 'sentir' que existe uma outra dimensão ainda maior, que a vida não se resume àquilo que se conhece, sair em busca do autoconhecimento, etc.).

É quando a busca pela transcendência se inicia. A transcendência aqui não se reflete pela busca de experiências religiosas ou místicas, mas sim, pela superação de um estado de ser que se reconhece estagnado

O Trabalho do Quarto Caminho reconhece o fato de que o ser humano, ao longo da sua trajetória, desenvolveu uma infinidade de 'eus' que competem entre si para a sua expressão, temos o 'eu' profissional, o 'eu' filho ou filha, o 'eu' marido ou esposa, amigo, inimigo, honesto, mentiroso, etc., normalmente apresentando uma grande variedade de comportamentos, muitos deles conflitantes, mas que raramente percebem este conflito, pois quando estão se expressando, eles se percebem como únicos e verdadeiros.

O Conceito de Eus ou 'Nafs' e a Evolução do Ser

Algumas escolas Sufis definem três dimensões ou 'eixos' a partir dos quais podemos tentar compreender a realidade do processo de desenvolvimento do ser na sua busca pelo amor:

A dimensão do Intelecto Gerador – 'Aql, que corresponde ao pensamento criativo, à vontade e a capacidade de criar a partir da idéia primordial, ele corresponderia, a grosso modo ao nosso eixo Z;

A dimensão do Espírito, 'Rouh', que corresponderia a grosso modo com a busca de aquisição de níveis crescentes de sensibilidade e de emotividade, e que poderia ser equacionada com o eixo Y e,

A dimensão da Alma ou dos 'Eus' , 'Nafs', que corresponderia ao desenvolvimento dos elementos da personalidade e dos processos que unificam os eus em uma estrutura capaz de promover o desenvolvimento da Consciência, que corresponderia ao eixo X descrito anteriormente.

As Escolas Sufis, de onde provavelmente Gurdjieff derivou o seu conhecimento sobre os 'eus' que definem uma seqüência de eus que devem ser trabalhados dentro da sua dimensão afetivo/amorosa, na jornada do ser humano em direção á experiência do Amor Objetivo. Iremos apresentar aqui uma seqüência que é a adaptação de um modelo sugerido por Semnani e por Najmuddin Kubra, Mestre Sufi da Ásia Central:

1. O Eu Degenerado: é o nome que damos ao conjunto coletivo de múltiplos eus, tal como Gurdjieff também reconhece. Representa o conjunto de eus formados ao longo das fases pré até pós-pessoais, que existem em grupos mais ou menos afins, controlados pelo Ego, tal como descrito acima. O seu 'amor' é egocêntrico, mesmo quando adquire formas mais 'sociais' ou 'humanitárias' de expressão externa, visto que

ele somente se justifica por identificação com os valores do ego, que podem ser altamente sofisticados e humanísticos, ainda assim centralizados ao redor de valores puramente pessoais. Este é o 'eu' da maioria das pessoas que estão à nossa volta: autojustificante, autocomplacente, autocentrado, geralmente buscando sempre a vantagem pessoal, o prazer, a auto-satisfação, o orgulho e a vaidade. Em alguns momentos podemos perceber o seu funcionamento de forma clara, outras vezes, não conseguimos ter essa mesma clareza. Ele representa um estado dissociado do ser, pois não existe aqui um 'eu' permanente centrado em algum atributo do ser, mas sim um conjunto de eus que estão sempre dependendo de estímulos ou circunstâncias externas para poderem se expressar, e sempre buscando a satisfação do seu estado primitivo de 'amor' – a sua própria valorização e afirmação de existência, ou de ser. Este é o amor degenerado, pois ele varia de momento a momento, de eu para eu, e é considerado degenerado porque ele acredita ser verdadeiro, sequer considerando que pode ser simplesmente ilusório ou mentiroso.

2. Eu acusador: corresponde a uma fase em que determinados valores do ego ou do aprendizado estabelecem uma crítica e uma tentativa de análise frente à situação caótica que existe no estágio anterior. Sempre que enfrentamos uma situação desagradável ou que nos flagramos numa falha ou questionamento, este 'eu acusador', que deve a sua origem a padrões familiares, morais e sociais e culturais entra em jogo e nos acusa de sermos 'fracos', 'degenerados', etc., e que 'devemos fazer algo com respeito a isso'. Mas raramente isto segue adiante, pois recaímos com muita facilidade no estágio anterior. Um exemplo típico disso são as famosas resoluções de Ano Novo.

É interessante notar que o eu acusador continua fazendo parte do grupo de 'eus' que buscam o amor centralizado a partir de valores individuais, no caso do eu acusador, ele busca o amor da decisão de ser melhor, maior, mais correto, mais justo, etc., que são valores intrínsecos do nosso Ego.

De qualquer maneira, ele representa uma etapa que experimentamos ocasionalmente, mas que raramente damos continuidade.

Se, pelo contrário, entrarmos num processo de nos libertarmos do eu degenerado e começarmos a nos fixar mais nos valores e comportamentos do eu acusador, então temos início de uma verdadeira batalha, pois agora temos duas dimensões do nosso ser entrando em conflito pela supremacia da expressão do ser. Ainda da assim, por melhor que possa parecer de início, a realidade do 'eu acusador' ainda envolve um conjunto de diversos eus, que agora buscam prioridade na sua expressão em detrimento do conjunto mais amplo e caótico do eu degenerado.

Muitas religiões e doutrinas filosóficas se baseiam nessa batalha entre as duas dimensões do Ser, um exemplo notável disso pode ser encontrado entre os Heseicastas, uma forma de cristianismo oriental místico primitiva que ainda hoje é praticada em mosteiros, como no Monte Atos, Grécia. Diversas ordens Sufis também advogam e praticam o 'método de purificação da alma', tal como é comumente conhecido.

Essa luta ou batalha poderá durar muito tempo e, geralmente é seguida por um período de acalmia, onde parece que tudo ficou limpo e purificado, que somos capazes agora de viver sem sermos dominados pelas nossas paixões e receios, na realidade isto é apenas um teste de realidade, um período de tranquilidade para que logo a batalha retorne com uma intensidade ainda maior, onde agora os valores dos eus mais profundos e escondidos (geralmente sexualidade reprimida, revoltas, frustrações, sentimentos clandestinos e maliciosos, etc.) surgem à luz da consciência para nos testar e nos acusar de imperfeição, falta de merecimento, hipocrisia, etc.

Esta batalha poderá durar a vida toda e nunca ficar definido qual dos lados foi o vencedor. O segredo da vitória aqui é retirar o poder de convencimento, a capacidade de

nos identificarmos seja com os valores do eu degenerado, seja com as vitórias obtidas pelo eu acusador. Um grande sentimento de que isso tudo é insignificante e imaturo irá ser desenvolvido e, com isso, a luta irá acabar na sua própria negação. Não existe nada importante contra o quê se lutar.

Porém isso poderá representar uma outra armadilha no desenvolvimento do processo, pois para que ele seja correto, devemos estar preparados para sacrificar tudo aquilo que é caro para os inúmeros eus componentes do eu degenerado, assim como sacrificarmos tudo aquilo que justifica a atuação e existência do eu acusador. Qualquer outra solução é enganosa neste momento.

3. Eu Apaziguado: quando formos capazes de contemplar como sendo equivalentes tanto os comportamentos e valores do eu degenerado quanto os do eu acusador, sem que isto represente nada para nós, então podemos dizer que alcançamos os limites do nosso Ser Auto-Centrado, aquele Ser que apenas reconhece a si mesmo como elemento focal da criação e da nossa vida, que é a origem e o destino do amor que consegue perceber.

O 'eu apaziguado' não representa nada mais que uma etapa intermediária no processo de crescimento do eu e na busca do amor, ele poderá ser afligido por uma série de dificuldades e defeitos próprios, principalmente por aquilo que é interpretado como uma forma de arrogância ou narcisismo espiritual: o mundo agora parece que nada mais tem de interessante, as pessoas são pouco interessantes, a realidade é sempre mecânica e ilusória, que tudo acaba se reduzindo a uma dimensão cinzenta, com poucas nuances, onde nada tem o menor significado.

Este é um processo muito comum de acontecer nesta fase, onde o amor que os inúmeros eus funcionava como um elemento justificador para qualquer tipo de ação ou atitude, agora, na ausência de qualquer fator preponderante, achamos que o amor simplesmente não existe.

Na realidade o que aconteceu é que no decorrer do processo, descobrimos que qualquer forma de amor centrada nos eus é imperfeita, porque lhe faltam os demais elementos que completam a equação amorosa, que somente podem ser descobertos e incorporados na continuidade do processo de crescimento. É a fase da melancolia e do anseio. Quando descobrimos que somos amantes de algo, que não mais podemos aceitar como sendo nós mesmos. Assim, o Amante não pode estar numa relação de amor consigo mesmo, e ele terá agora de descobrir a outra dimensão que irá dar prosseguimento á sai jornada em direção à experiência do Amor.

Estamos prontos para passar para a etapa seguinte, que é o reconhecimento do outro. É quando iremos descortinar as dimensões do Amado.

A superação dessa fase é importante, para que o processo tenha continuidade. Muitas pessoas acabam se resignando a uma vida fria, sem significado, isenta de sentimentos ou de amor, ou então desistem de tudo e regressam para o estado de eu degenerado, já que isto poderá representar algum consolo. Entretanto, agora, mesmo este consolo não mais é satisfatório. Portanto, a única solução possível é seguir adiante.

Em termos do Trabalho de Quarto Caminho, isto significa a busca pelo desenvolvimento de um eu observador, ou seja, um elemento da personalidade desenvolvido através das técnicas do Quarto Caminho e que é capaz de colocar em xeque os valores e influências da personalidade e do nosso ego. Com isso, o indivíduo é solicitado, por intermédio do eu observador, a produzir períodos cada vez maiores em que as reações mecânicas e comportamentos emocionais aprendidos ao longo da vida cessem de ser tão impositivos e deixem um espaço para que outras experiências possam ser vivenciadas. É devido ao seu caráter de observador, que por regra não interfere nem estabelece julgamentos ou juízos que iremos encontrar essa característica de

apaziguamento, de nivelamento das reações emocionais, sejam elas positivas ou negativas.

4. Eu Contente: é uma fase de transição entre os elementos de apego aos valores e atributos que satisfazem o ego e, com isso, estabelece-se uma capacidade de descobrirmos uma satisfação e um contentamento com tudo aquilo que se situa fora dos nossos limites e condições pessoais. Ficamos num estado de ‘amor universal’, onde aceitamos tudo e todos de forma incondicional, numa espécie de sentimento de amor difuso que abraça e aceita todos aqueles com quem temos a oportunidade de entrar em contato. Temos o amor á natureza, ás coisas, aos seres vivos, ao Universo, ao próximo, etc.

Essa aceitação é importante de acontecer, porque quando ela ocorre de forma honesta e verdadeira, ela implica que o nosso Ego deixou de funcionar como elemento divisor de águas das nossas relações e, estamos agora prontos para entrar em contato com o outro, de estabelecer uma relação com um outro conjunto misterioso de comportamentos e atributos que, mesmo que não possamos conhecer e controlar completamente, representa uma nova etapa essencial do desenvolvimento da nossa capacidade de encontrar e viver o Amor.

Ao mesmo tempo, desaparece o sentimento de culpa que caracterizou a batalha encetada na fase anterior e, com isso, surge o risco de que ocorra uma espécie de vício onde tudo é permissível pois agora não existe uma real culpa. Entretanto, ainda não aprendemos a nos apaixonar, e para que isso ocorra, temos de sair da autocomplacência do contentamento com a nossa própria situação e irmos em direção a uma nova fase, onde iremos buscar estabelecer novas relações agora debaixo de um conjunto de regras que não sabemos definir ou controlar. É quando nos submetemos ou nos apaixonamos pelo outro que nos tornamos Amantes e começamos a descobrir a presenças do Amado.

5. Eu Contente com Deus: essa definição foi tomada de empréstimo do Sufismo, e define um estado de desenvolvimento do eu que tradicionalmente está ligado a uma observância religiosa. O indivíduo agora busca apenas observar aquilo que se situa dentro da esfera divina, religiosa, e com isso ele começa uma jornada purgativa, que tende a eliminar do ego todas as suas imperfeições e, ao mesmo tempo, gera uma permanência do eu observador que agora assume o papel de eu permanente, um eu que supera e domina todos os outros e define a trajetória do processo daqui para a frente.

Sendo praticado quase que exclusivamente dentro do ambiente religioso, ele pode ser encontrado no Cristianismo, com São João da Cruz, Madre Tereza de Jesus, São Francisco de Assis; dentro do Sufismo, na alegoria de Majnum e Layla, nos grandes poemas de Ibn Arabi, Rumi e Omar Khayam, ele acabou sendo equacionado com uma postura que é exclusivamente religiosa. Entretanto, podemos encontrar exemplos em que ele foi desenvolvido de uma maneira mais mundana, por exemplo com os Trovadores, que se apaixonavam por uma figura feminina idealizada, pelos Romances de Cavalaria Medieval, onde a paixão era pelo dever, pela honra,.

Na realidade, o eu contente com Deus, define um ‘outro’ que funciona como foco de paixão e significados para um processo que antes se situava autocentrado e internalizado numa série de mecanismos psicológicos. Agora é possível surgir uma paixão ou ‘loucura’ que subverte todo o racional e os sentidos em arroubos de paixão e desejo que ao mesmo tempo confundem aquilo que se situa dentro da esfera racional e conduz a um comportamento totalmente devotado ao encontro e busca da presença do outro, do objeto do amor. O outro, não importa o que seja, se transforma nesse ‘Deus’, o processo exige que assim seja, não aceitando nada menos do que essa relação de importância e prioridade absolutas. O amante agora se encontra apaixonado pelo amado, que se torna tudo para ele, o seu ‘deus’ e razão de existência. Para que isto tenha

significado, não pode haver outros 'eus' envolvidos nesse processo, pois então haveria a relativização e rebaixamento de todo o sistema que está sendo desenvolvido. O que está em jogo aqui é a paixão, a descoberta da capacidade de amar um objeto de amor, de experimentá-la, vivê-la e mantê-la intensa e prolongadamente no sentido de que essa capacidade amorosa se torne vigorosa e permanente.

É a fase do sofrimento, da negação do próprio ego e da vida, da busca pelo amado idealizado e sempre inatingível, sempre inimaginavelmente belo e desejável, mas nunca disponível. É o núcleo da literatura romântica e mística.

Esta fase poderá permanecer por longo tempo, conduzindo a uma languidez e nostalgia, uma saudade e uma sensação de insatisfação com tudo que não se refira direta ou indiretamente com o objeto amado. Ela poderá se resolver na descoberta de um companheiro de buscas, como no caso clássico da relação entre Rumi e Shams de Tabriz, ou permanecer no mundo intangível da dimensão espiritual, como no caso de Rabi'a. O indivíduo permanece aqui debaixo do domínio de uma paixão direcionada a um amado que pode ser material ou abstrato, mas ainda assim domina e mantém o amante debaixo do seu jugo. Ao amante, resta apenas ficar na expectativa de receber alguma resposta ou chamado do seu amado. Ele não tem a capacidade de exigir isso ou estabelecer condições ou prazos para que isto aconteça. Ele sabe que deve tornar-se merecedor desta experiência.

6. O Eu Com Quem Deus Está Contente: representa o final do processo de descoberta do Amado, onde agora aquilo que foi projetado nele pelo amante agora retorna para ele mesmo na forma da presença palpável e sensível do Amado e na possibilidade de união com o objeto amoroso desejado. Aqui podemos considerar que o processo da geração do Amante se completa no momento em que este entra em contato com o Amado, nas diferentes maneiras que ele pôde ser experimentado ao longo do processo de formação do Amante. Nesta terceira e última fase em que o Ser acaba se realizando quando descobre e concretiza a felicidade do outro como sendo a sua própria irá agora completar essa segunda fase, e agora o Amante e o Amado se unem e se preparam a terceira e última fase, a da união definitiva, onde existe a aniquilação do Ser dentro da própria dimensão do Amor.

Entretanto, nessa segunda fase ainda resta uma dualidade, representada pelo par que estabelece a relação amorosa. O binômio Amante-Amado ainda existe numa espécie de relação excludente frente àquilo que seria representado pelo Amor, na sua dimensão mais ampla e universal: o Amante se realiza no Amado, e este somente pode se expressar a partir do chamado e da presença do Amante. Assim, eles vivem uma situação/armadilha em que o risco da perda desse estado e dessa relação pode acontecer a qualquer momento, pois o Amor, neste caso, ainda está determinado e particularizado para essa relação específica. Ela poderá ser sempre prejudicada por quaisquer elementos estranhos que possam porventura ingressar nessa relação (dúvidas, ciúme, sentimento de incapacidade e/ou impropriedade, e o próprio julgamento e reações de outras pessoas que não conseguem compreender o processo pelo qual o indivíduo está acontecendo). As expressões exageradas da emoção amorosa, que variam do desvairio ao êxtase podem conduzir a um diagnóstico de perturbação mental e afetiva, e com frequência acabarem desencadeando ações medicamentosas, internações, etc. Assim, somente podemos considerar este processo quando ele acontece dentro de um ambiente de uma Escola de Sabedoria, que compreenda e controle o processo integralmente, para evitar danos ou sofrimento desnecessário.

Esta fase encerra a trajetória do desenvolvimento do Ser conforme o interessado possa vir a encetar essa jornada a partir de sua própria vontade e desejo.

Se, na primeira fase, ele tem de abandonar em definitivo a sua forma primitiva de amor autocentrado de característica quase física, orgânica, ele agora terá de permanecer nessa fase, que é predominantemente emocional, passional e paradoxal, até que ocorra a fusão do Amante e o Amado, algo que não pode ser determinado por nenhuma técnica ou processo externos.

Ele irá permanecer nesta fase por um tempo indeterminado, pois a última fase não acontece por mérito de esforços e qualquer tipo de técnica utilizada. Ela envolve um lento amadurecimento e uma transformação do Ser, de forma gradual e definitiva, de forma que os valores que foram aprendidos e desenvolvidos ao longo da trajetória. Da mesma maneira que o vinho deve ser envelhecido para adquirir as suas características de sabor e textura específicas, o mesmo irá acontecer com o binômio Amante e Amado, que deverão permanecer unidos á espera que o amadurecimento de ambos acabe se incorporando num único Ser capaz de viver a experiência amorosa final. Ainda assim, temos uma individualidade que permaneceu subjacente a todo este processo.

7. O Eu Inspirado: corresponde ao final do processo, onde a fusão entre o Amante e Amado ocorre, numa união e aniquilação de qualquer processo de particularização e neste momento, o Amor torna-se a única realidade possível em que o Ser pode se localizar, ou seja, aquilo que representa a dimensão do Amor Divino agora se torna possível de ser acessada pelo Amante-Amado, mas não como uma unidade individualizada, mas como elemento universal e, com isso, ocorre a ‘aniquilação’ daquilo que representa a dimensão pessoal, particular, e a sua dissolução no todo. Esta é a metáfora da ‘gota que busca a sua união com o oceano’, comum em todas as linhas espirituais, românticas e místicas. Entretanto essa aniquilação não é considerada como sendo um mero desaparecimento e numa total submersão num todo infinitamente maior, seja qual for a sua natureza, pois sabemos que o Ser, ao longo da sua jornada, desenvolve igualmente a sua Consciência e, no momento em que ocorre essa aniquilação, a gota da consciência, assim dizendo, se une ao oceano maior da Consciência e Amor divinos, mas ela mantém a sua própria consciência de individualidade, mas situada dentro da dimensão cósmica infinitamente maior.

Esse estado último é citado como sendo superior á própria emocionalidade da experiência do Amor, pois ela envolve uma capacidade extremamente desenvolvida de compreensão.

Mas compreensão de quê?

Uma compreensão dos elementos amorosos que estiveram envolvidos na criação de cada partícula do Universo, de cada momento do Tempo, de cada Oportunidade que foi dada para o crescimento da Consciência e, finalmente, na definição dos elementos e experiências da jornada do Ser, a partir dos múltiplos ‘eus’ até o surgimento dos ‘eus’ permanentes e únicos, que organizaram e impulsionaram o indivíduo até essa experiência final.

Portanto, podemos dizer que, nessa dimensão final, não poderia haver um Amor se não houver também a existência de uma Compreensão sobre a natureza, significados e mistérios que envolvem a Criação, pois no final, o que podemos dizer é que aquilo que aconteceu nessa jornada no microcosmo, ocorre o tempo todo na relação entre Criador e Criação, conforme a surata corânica:

Deus falou:

‘Eu era um Tesouro Oculto, e Amei Ser conhecido,
portanto Eu Criei a Criação’

Este trecho do Corão encerra no seu bojo o núcleo de todo o processo que foi descrito nas páginas anteriores e é objeto de meditações e práticas profundas feitas por todas as ordens Sufis.

INK/cg/2007